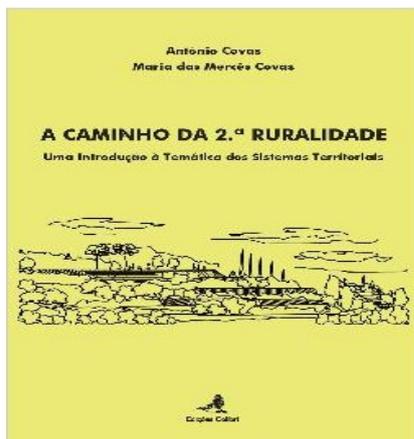


VISLUMBRA-SE UMA NOVA RURALIDADE

Jairo Marchesan¹

Resenha do Livro:



COVAS, António; COVAS, Maria das Mercês. **A caminho da 2ª ruralidade**: uma introdução à temática dos sistemas territoriais. Lisboa (PT): Ed. Colibri, 2012.

Recentemente, foi publicado o Livro *A caminho da 2ª ruralidade* – uma introdução à temática dos sistemas territoriais (Lisboa: Colibri, 2012), pelos professores portugueses António Covas e Maria Mercês Covas. Covas e Covas são autores de cinco volumes da série *Ruralidades* e do livro *A grande transição*, que trata da pluralidade e diversidade dos modos de fazer agricultura e agroicultura. A nova obra dos autores, *A caminho da 2ª ruralidade*, faz homenagem ao arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, que recebeu o Prêmio Nobel de Arquitetura Paisagística.

Inicialmente, os autores caracterizam, brevemente, os atributos, dicotomias ou características da 1ª ruralidade, vinculada ao início da modernidade, tais como, tempo e espaço, modelo urbano-industrial, natureza e cultura, economia e ambiente, agricultura e indústria, moderno e tradicional, privado e público, cidade e campo, particular e geral, entre outros, que caracterizam concepções e pré-conceitos em relação à esta fase.

Para os autores, a 2ª ruralidade, ainda em construção, terá novas concepções, tais como, a era da paisagem global, do sistema paisagem, da ecorregião, da cidade-região, enfim, o território como sistema. Nesta nova perspectiva, as tendências são de fusão, integração, diversificação e novos atributos de funcionalidades e territorialidades. Assim, a natureza e a cultura darão maior significado e/ou consistência de existência e funções aos territórios. Neste sentido, os aspectos naturais e humanos tenderão a ser, cada vez mais, potencializados e valorizados.

A 2ª ruralidade tenderá a absorver com maior intensidade o urbano. Afinal, o espaço rural, com suas pluralidades e diversidades específicas, poderá se constituir em oportunidades de produção, vivências e melhor qualidade de vida. No entanto, os autores questionam se o espaço rural tal como está (plural, caótico e desordenado) pode abrigar e/ou acolher as novas tendências em curso. Para os autores,

¹ Geógrafo, professor e pesquisador do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (SC). Brasil. E-mail: jairo@netcon.com.br.

[...] no dia em que a ecologia e a cultura forem capazes de criar uma grande variedade de sistemas territoriais e paisagísticos, mais autônomos e auto-centrados mas, também, mais reticulados, estaremos, seguramente, mais próximos de uma “nova estrutura de valor” e no limiar de arranjos ou sistemas produtivos locais mais conformes com uma rede de cidades-região, com mercados e redes dedicadas de distribuição e retenção de mais-valias nos respectivos *hinterlands* (COVAS; COVAS, 2012, p. 18).

A 2ª ruralidade é entendida pelos autores na sua dimensão ecológica, da gestão integrada de comunidades, ecossistemas e paisagens. Isso pode proporcionar avanços e benefícios de bens públicos e oportunidades de aumentar a produtividade natural e específica dos agrossistemas. Por isso, a importância de considerar no espaço rural a perspectiva geossistêmica, ou seja, considerar todos os aspectos (naturais, sociais, econômicos...) de forma integrada e sistêmica.

Historicamente, na 1ª ruralidade as questões culturais e ambientais (ecológicas) foram desconsideradas pela sociedade de maneira geral, principalmente pelo capital. Aliás, este sempre buscou a qualquer custo os recursos naturais limitados, como forma de se reproduzir economicamente. Assim, desestruturou territórios, subverteu modos de vida locais e regionais. Deste modo, ainda podemos afirmar que a 1ª ruralidade separou o homem da natureza, as ciências naturais das ciências sociais, o urbano do rural e assim por diante. Ou seja, dicotomizou as relações dos homens entre si e destes com a natureza.

Por isso, a 2ª ruralidade tem a perspectiva de respeitar, valorizar e potencializar os aspectos e valores naturais, culturais, ambientais e humanos. Mais: a 2ª ruralidade poderá promover o estabelecimento de novas relações da humanidade com a natureza, e, para, além disso, ser capaz de retomar os vínculos das ciências entre si. Ou seja, isso passa pela construção social, política e econômica diferenciada e qualificada, estimulando a sociedade humana a estabelecer novas relações com os bens naturais, calcadas na percepção dos limites destes, no uso parcimonioso para o convívio e reprodução de ambos, sociedade e natureza.

A 1ª ruralidade produziu a forma de organização societária urbana, antropocêntrica, individualista, monocultora, consumista... Já, a 2ª ruralidade propõe uma racionalidade inversa – com nova maneira de conceber e organizar o espaço -, pois, como afirmam os autores, “poderá ser mais espaço de consumo do que espaço de produção”. Obviamente, relações que proclamem e ofereçam melhor qualidade de vida humana, respeito e cuidado com a natureza.

Para os autores, a diversidade cultural é tão importante quanto a diversidade natural. As duas, associadas e valorizadas, promovem eventos e visitas, seja via agricultura orgânica, gastronômica, peregrinações religiosas, feiras, desportos, ecologia, etc. Para uma sociedade majoritariamente urbana, o espaço rural, aqui considerado como novas territorialidades, poderá oferecer efeitos estéticos, terapêuticos e nostálgicos e que contribuam para o bem-estar dos seres vivos, especialmente, para a qualidade de vida das pessoas.

Os autores apresentam, também, o conceito de “região cognitiva”. Entendem ser um conceito complexo, mas capaz de incorporar os vínculos cidade-região e sistema-paisagem. Tais conceitos podem criar imagens mentais e representações sociais que considerem o espaço urbano e as áreas rurais cognitivamente. Afinal, “os problemas do mundo rural serão, doravante, uma parte integrante e fundamental da agenda urbana” (COVAS e COVAS, 2012, p. 21).

O livro *A caminho da 2ª ruralidade* é composto por 5 Capítulos. O 1º trata da *base biodiversa e ecossistêmica da 2ª ruralidade*. Apresenta a produção de capital natural, a biodiversidade, os ecossistemas e a biopolítica. Além disso, discute a intensidade dos sistemas agrários, a agrobiodiversidade e a formação de capital natural, variáveis do sistema de relações internacionais e da *governança global*.

O 2º Capítulo apresenta a diversificação multifuncional e a transição agroecológica da 2ª ruralidade, mais especificamente em relação à pluralidade e à diversidade dos modos de fazer agricultura. Além disso, apresenta a ciência agroecológica como possibilidade de transição dos agrossistemas para os agroecossistemas.

O 3º Capítulo trata dos futuros impactos globais e nos mercados. Refere-se, também, aos atores neorurais, o homem *rurbanus* e à nova estratificação social decorrentes deste processo.

Já, o 4º Capítulo apresenta os riscos globais e os perigos na percepção e construção social daquilo que os autores denominam de *ecopolis*, decorrentes da 2ª ruralidade. Destacam a importância dos conceitos de paisagem global, sistema-paisagem e cidade-região na perspectiva da construção da nova relação cidade-campo, privilegiando os aspectos ecológicos ou ambientais na estruturação dessa nova territorialidade em curso.

O 5º e último Capítulo, por sua vez, discute a transição da administração autárquica para a governança territorial, como possibilidade de desenvolvimento local. Isto é, mais participação popular na governança territorial local e menos controle, intervenção ou influência política dos governos. As consequências serão as mudanças na microgeoeconomia local e em outros sistemas territoriais. Para tanto, sugerem a experiência portuguesa do *Projeto Querença*² como um exemplo a seguir. Nas considerações finais, os autores resgatam o livro *A utopia e os pés na terra*, de Gonçalo Ribeiro Telles (2003), justamente para mostrar que é importante e necessário ter perspectivas utópicas, porém, pensar e atuar *na e com a realidade concreta*.

A caminho da 2ª ruralidade é, portanto, um livro que propõe a integração ou a “fusão, entre a cidade e o campo, a natureza e a cultura, a economia e o ambiente, o setor e o território, o moderno e o tradicional, as ciências naturais e as ciências sociais” (Covas e Covas, 2012). E, também, aponta para a necessidade de integrar a diversidade dos aspectos naturais (paisagem), culturais, econômicos, estéticos, entre outros, na perspectiva da construção de relações mais humanas de respeito e cuidado com o capital humano e natural. Por essa razão, recomenda-se a leitura desta obra aos interessados pelo assunto, especialmente aos acadêmicos e pesquisadores que estudam e discutem governança territorial, o espaço rural e suas transformações no tempo e no espaço.

² É uma iniciativa de 9 jovens licenciados da Universidade de Algarves, os quais, desafiaram-se a partir do ano de 2010 a conhecer os recursos naturais, rurais, culturais de determinada aldeia portuguesa (freguesia de Querença). Entre os objetivos, destacam-se: Recuperar áreas em situações crítica de baixa densidade populacional, degradadas, empregar jovens licenciados e promover a viabilidade política, econômica e ambiental. O Projeto Querença tem um lema geral: “Da teoria à ação, aprender a empreender”. Maiores informações: www.projectoquerenca.com.